

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.:

Data: 22.10.72

Pg.:

Os atroaris são ainda um perigo

Do correspondente em Manaus

Uma brincadeira ou um gesto diferente mal interpretados pelos índios Waimiris-atroaris poderá reprisar o massacre da expedição Calleri. Por isso, a Funai está preocupada com a atuação dos trabalhadores do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção — BEC — responsáveis pelo desmatamento da Transamazônica, os quais não estão psicologicamente preparados para o iminente encontro com os índios. E os atroaris — segundo o sertanista Gilberto Pinto — são muito perigosos.

"Tememos pela sorte do nosso trabalho, talvez a mais difícil pacificação já tentada pela Funai — afirma Gilberto Pinto — porque voltamos a atrair um tipo de índio que massacrava toda uma expedição em circunstâncias ainda desconhecidas". O sertanista acrescenta, para fortalecer o seu ponto de vista, que o índio não distingue os brancos. Para ele, todo branco é igual e basta que um só homem o aborreça para agir imediatamente e à sua maneira, isto é, com desconfiança e violência.

Em 1968, as duas tribos estavam praticamente pacificadas. Foi então que o padre Calleri assumiu a direção dos trabalhos que tinham o objetivo de consolidar a pacificação e integrar os atroaris na comunidade indígena dirigida pela Funai. Os sertanistas observam que, naquela época, os índios aceitavam muito mais facilmente o diálogo com o homem branco do que agora. E, no entanto, aconteceu o massacre, em circunstâncias estranhas, que nenhum inquerito até agora conseguiu esclarecer. O que houve com a expedição do padre Calleri para determinar a reação dos índios?

RESPOSTA

Essa resposta talvez seja dada pelo relatório que Gilberto Pinto está preparando em Manaus, justamente sobre a situação dos atroaris, pois é ele o encarregado de tentar agora a pacificação desses índios tão difíceis e hostis. O relatório do sertanista é considerado muito importante e, por isso, espera-

do com certa ansiedade pelos homens da Funai, uma vez que poderá esclarecer os hábitos, costumes e, enfim, mostrar a cultura desses indígenas do rio Negro cuja fama de valentia, coragem e periculosidade vão se tornando um tema quase lendário por toda a região da Transamazônica.

Gilberto Pinto informa, em seu relatório, que num dos últimos contactos que manteve com os atroaris, ainda às margens dos rios Alalau e Camanau — onde vive grande parte da tribo — fez questão de chamar o chefe Maruaga e seus dois capitães Mina e Candido, este seu filho, e apresentar-lhes o seu pessoal, isto é, os sertanistas que com ele trabalham na aproximação dos índios com os brancos. E por que? "Porque se houver algum problema dos índios com os trabalhadores do 6.º BEC — disse Gilberto Pinto — os índios saberão distinguir os homens da Funai e poupá-los, em caso de represália.

PERIGO

A atitude de Gilberto Pinto deixa entrever que são realmente perigosas as relações entre os índios e os homens do BEC e, isso, pela simples razão de que apenas um sargento, entre os trabalhadores, está preparado para aceitar as exigências e conviver com os atroaris respeitando seus hábitos, seus costumes, rituais e, enfim, a cultura da tribo. Gilberto Pinto diz que a situação é, pois, muito delicada e faz uma advertência aos homens do BEC: "Se houver algum problema com os índios, os trabalhadores e só

eles serão os únicos responsáveis. Por isso, pagarão por seus erros".

Por enquanto, a Funai não se preocupa em conhecer profundamente o sistema de vida dos índios. Tenta pacificá-los primeiro para, depois, na fase que os sertanistas denominam de "pós-pacificação" entrar em contato com a sua cultura e saber como e por que os atroaris massacraram a expedição Calleri. Para os sertanistas, esse ponto é importante, até mesmo do ponto de vista didático, porque poderá mostrar à Funai como não se deve tentar a pacificação de tribos perigosas.

CONTRADIÇÃO

O que se sabe dos índios atroaris, por enquanto, é muito pouco. Duas ou três informações vagamente contraditórias, algumas fundadas simplesmente no terror que os índios inspiram e, portanto, de credibilidade muito vulnerável. Uma das informações diz que os índios andam nus, o que não chega exatamente a caracterizá-los. Outras que são agressivos, desconfiados, violentos, e que não aceitam insultos. Gostam de danças e dos seus rituais de guerra. Enfim, a acreditar-se nessas informações, os índios atroaris são exatamente iguais aos outros. É óbvio que essas informações são absolutamente incompletas.

SABEDORIA

Fala mansa, desconfiado, aparentando 50 anos, mas com jeito um tanto alquebrado, assim é Maruaga, chefe dos atroaris, segundo descrição de Gilberto Pinto. Se lhe perguntarem algo sobre caça, sobre pesca, ou sobre a maneira como os índios andam na mata, Maruaga fala fluentemente. Mas é só alguém perguntar por que os índios usam um cinturão de cipó de quase 200 voltas em torno do corpo, é só alguém perguntar por que existe uma mútua desconfiança entre os waimiris e os atroaris e Maruaga parece que perde a voz, parece que fica surdo, desconversa — e assim agem quase todos os índios da tribo. Alertos e, ao mesmo tempo, fechados ao diálogo — de acordo com as conveniências da tribo.